

CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO - UNISAL

Unidade de Ensino de Americana

“O TEMPO LIVRE E O LAZER”

**O ENGAJAMENTO DO PROFISSIONAL DE TURISMO E A
CONSCIENTIZAÇÃO DO LAZER**

Curso de Turismo

GLÁUCIA MARTINS SANTOS CAIO

Americana

Novembro/2001.

“O TEMPO LIVRE E O LAZER”

**O ENGAJAMENTO DO PROFISSIONAL DE TURISMO E A
CONSCIENTIZAÇÃO DO LAZER**

GLÁUCIA MARTINS SANTOS CAIO

Trabalho monográfico de conclusão de curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Grau de Bacharel em Turismo, à Banca Examinadora do CENTRO UNIVERSITÁRIO SALESIANO DE SÃO PAULO – CENTRO UNISAL, sob a orientação do Professor Dr. Luís Antonio Groppo e a coordenação da Professora Jane Ap. Lara Simon Phenis.

Americana

Novembro/2001.

GLÁUCIA MARTINS SANTOS CAIO

“O TEMPO LIVRE E O LAZER”

**O ENGAJAMENTO DO PROFISSIONAL DE TURISMO E A
CONSCIENTIZAÇÃO DO LAZER**

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luís Antonio Groppo – Orientador

Prof.(a)

Prof.(a)

DEFESA EM: ___/___/___

Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Centro UNISAL

Americana/SP

2001

Dedico às minhas filhas que são minha fonte de inspiração. Dedico também aos meus professores, que tanto contribuíram para minha formação, em especial ao Prof. Dr. Luís Antonio Groppo que soube, de uma maneira singular me orientar neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, colegas de classe, professores e pessoas ligadas às empresas que me concederam suas opiniões em entrevistas. Agradeço em especial a meu orientador, o Prof. Dr. Luís A. Groppo, que me auxiliou a conhecer todos os passos para este estudo, que, além de Trabalho de Conclusão do Curso de Turismo, é também um trabalho de Iniciação Científica.

Quero deixar aqui registrada, a imensa satisfação que tive em redescobrir o prazer do conhecimento através dos estudos, todos os meus professores, de uma maneira particular, contribuíram para isso.

A minha família, mãe e irmãos, minhas filhas Stéphanie e Karina, que são o principal motivo de todos os meus esforços.

Agradeço, acima de tudo, a Deus.

RESUMO

Este estudo sobre o tempo livre e o lazer, faz uma abordagem teórica da sociologia e também considera as possibilidades de atuação do profissional em turismo frente às ofertas de lazer nas empresas.

Para compreender o fenômeno da atual valorização do lazer pela sociedade, assim como o aumento da demanda para o setor de turismo, entretenimento e ações culturais, buscou-se a compreensão sobre as transformações ocorridas na sociedade, ocasionadas pelo desenfreado avanço tecnológico.

Atualmente vários são os aspectos enfrentados pela sociedade e para modifica-los, os homens têm procurado por novos caminhos. Este estudo aponta que a amplitude de possibilidades em práticas de atividades de lazer, abre outros conteúdos para o lazer, como o desenvolvimento pessoal.

Algumas empresas já acordaram para esta realidade, procurando ampliar as ofertas de lazer e nós futuros profissionais em turismo devemos estar atentos a estas transformações.

PALAVRAS CHAVE: (Sociedade Pós-Industrial, Tempo Livre e Lazer).

ABSTRACT

This study about free time and leisure, makes a theoretical approach of the sociology and consider the actuation's possibilities of the professional in Tourism face the leisure's offer in the companies.

To understand the actual phenomenon to leisure's valuable for society like this to grow at demand for the tourism's sector, entertainment and cultural action, comprehension about this transformations occurrence in the society, to give occasion by unruly technical advanced.

Today there are various aspects to encounter by the society and for change them the persons have looking for the new procedures. This study, indicate that the amplitude of possibilities in practical of leisure's activities, open other contents for the leisure as the personal development.

Some companies just wake up for this reality to searching out to amplify the offers of leisure so we, futures professionals in tourism may be attentive at this transformations.

KEY WORDS: (Society Post-Industrial, Free Time and Leisure).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

UMA ANÁLISE HISTÓRICA P. 2

A SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL P. 5

O TEMPO LIVRE P. 7

O TRABALHO E O LAZER P. 9

AINDA SOBRE O LAZER P. 14

O LAZER NA EMPRESA P. 16

O PROFISSIONAL EM TURISMO E O LAZER P. 23

CONCLUSÃO P. 25

BIBLIOGRAFIA P. 26

INTRODUÇÃO

O ócio e a liberação do tempo de trabalho reencontram amplo espaço para debate e estudos. Tornam-se novamente questões urgentes, na redefinição das fronteiras entre trabalho e lazer.

Os estudiosos do lazer entendem que as transformações nas sociedades, principalmente o avanço tecnológico, são as causas de uma profunda modificação nas relações entre o tempo de trabalho e o lazer.

A instituição do tempo livre surge após a Revolução Industrial, graças aos movimentos sociais que conquistaram na aplicação das leis trabalhistas, à regulamentação das horas de trabalho e o direito às férias do trabalhador. Até então, as classes trabalhadoras não eram possuidoras do direito ao lazer, sendo este um usufruto apenas das classes nobres e burguesas.

No entanto hoje, se sabe, que o ócio e o lazer são de extrema importância ao ser humano, reparando psíquica, física e socialmente o indivíduo, recompondo suas energias, ampliando inclusive sua capacidade criativa, melhorando sua auto-estima e aumentando a satisfação pessoal.

O presente trabalho pretendeu entender as implicações que estas mudanças sociais trouxeram ao nosso dia-a-dia e quais as dimensões para o lazer atualmente.

O “Turismo” está inserido no “Lazer”, por este motivo, é de grande importância que nós profissionais em Turismo façamos uma reflexão, na busca pelo entendimento sobre o lazer e acerca dos anseios desta atual sociedade.

UMA ANÁLISE HISTÓRICA

Para iniciarmos este estudo, a pesquisadora acha conveniente que situemo-nos na história, para que haja uma compreensão dos termos que aparecerão no decorrer deste trabalho – tais como “Sociedade Pré-Industrial”, “Sociedade Industrial”, “Sociedade Pós-Industrial” e “Pós-Modernismo”, os quais são utilizados pelos diversos autores que se propõem a escrever sobre aspectos econômicos e filosóficos, e sobre as transformações que as diversas sociedades vêm passando nos últimos séculos.

No final da Idade Média, as populações urbanas na Europa eram restritas - não ultrapassavam os 100 mil habitantes - e a maioria da população vivia nos campos. As igrejas eram o centro das cidades medievais européias e também o centro da vida administrativa da cidade. Deste centro, distribuíam-se as moradias e os serviços urbanos constituíam-se em trabalhos de artesãos e comerciantes.

Com o crescimento demográfico e econômico, a partir do século XV, houve uma mudança no poder central, que deixou de ser controlado pela igreja.

Esta sociedade, chamada “Pré-Industrial”, tinha o trabalho delimitado pelos ciclos das estações e pelas pausas para repouso, cantos, jogos e cerimônias, que neste momento ainda não podiam ser chamadas de “Lazer”, na análise de Joffre Dumazedier¹, como veremos mais adiante.

Já no século XIX, com o desenvolvimento da indústria, grandes contingentes rurais, são atraídos para as cidades, as quais passam a ter mais de um milhão de habitantes; este fato, aliado à falta de planejamento urbano, ocasiona outras mudanças, como por exemplo: o fenômeno da segregação social, ou seja, em termos urbanos, bairros periféricos, geralmente com problemas de infra-estrutura, segurança, marginalidade e uma distinta diferença em termos de qualidade de vida em relação aos bairros de classes mais abastadas. O poder econômico passa para as grandes empresas e bancos, e a grande indústria atinge os limites urbanos.

¹ Joffre DUMAZEDIER, Planejamento de Lazer no Brasil – Valores e Conteúdos Culturais do Lazer, p. 48.

Esta nova sociedade, chamada “Sociedade Industrial”, compreendida no período de tempo que vai da metade do século XVIII à metade do século XX ², tem características que já foram estudadas por diversos autores, como R. Aron, D. S. Landes, A. Toffler e Z. Egedus, entre outros. Seriam suas características:

- 1) concentração de grandes massas de trabalhadores assalariados nas fábricas e nas empresas financiadas e organizadas pelos capitalistas de acordo com o modo de produção industrial;
- 2) predomínio numérico dos trabalhadores no setor secundário em comparação aos do setor primário e terciário.
- 3) Predomínio da contribuição prestada pela indústria à formação da renda nacional;
- 4) aplicação das descobertas científicas ao processo produtivo na indústria;
- 5) racionalização progressiva e aplicação da ciência na organização do trabalho;
- 6) divisão social do trabalho e sua fragmentação técnica cada vez mais capilar e programada;
- 7) separação entre o lugar onde se vive e o local de trabalho, entre sistema familiar e sistema profissional, com a progressiva substituição da família extensa pela família nuclear;
- 8) progressiva urbanização e escolarização das massas;
- 9) redução das desigualdades sociais;
- 10) reforma dos espaços em função da produção e do consumo dos produtos industriais;
- 11) maior mobilidade geográfica e social;
- 12) aumento da produção de massa e crescimento do consumismo;
- 13) fé em um progresso irreversível e em um bem-estar crescente;
- 14) difusão da idéia de que o homem em conflito com a natureza, deve conhecê-la e dominá-la;
- 15) sincronização do homem não mais de acordo com os ritmos e os tempos da natureza, mas com os incorporados nas máquinas;
- 16) concessão do predomínio aos critérios de produtividade e de eficiência entendidos como único procedimento para a otimização dos recursos e dos fatores de produção;
- 17) convicção de que para alcançar escopos práticos existe *one best way*, um único caminho ótimo a ser intuído, preparado e percorrido;
- 18) possibilidade de destinar a cada produto industrial um local preciso (a fábrica) e tempos precisos (padrão) de produção;
- 19) presença conflitual, nas fábricas, de duas partes sociais - empregadores e empregados - distintas, reconhecíveis, contrapostas;
- 20) possibilidade de reconhecer uma dimensão nacional dos vários sistemas industriais;
- 21) existência de uma rígida hierarquia entre os vários países, estabelecida com base no Produto Nacional Bruto, na propriedade das matérias-primas e dos meios de produção.³

² Domenico DE MASI, A Sociedade Pós-Industrial, p. 12.

³ Domenico DE MASI, A Sociedade Pós-Industrial, p. 17-8. (De Masi resumiu as características essenciais da Sociedade Industrial).

Atualmente, vários são os estudiosos, seja no campo econômico ou filosófico, que atentam para o surgimento de uma “nova sociedade”, que é chamada por alguns de “Sociedade Pós-Industrial” e por outros de “Pós-Moderna”. O advento desta “nova sociedade” se dá a partir da Segunda Guerra Mundial, durante a segunda metade do século XX.

O “avanço” tecnológico e científico, as mudanças econômicas ocasionadas por este avanço e pelo desenvolvimento das atividades do setor terciário (serviços), são alguns dos indicativos das transformações ocorridas nas atuais sociedades.

Segundo De Masi, a transição da “Sociedade Industrial” para a “Sociedade Pós-Industrial” se dá como resultado de três fenômenos:

1) convergência entre os principais países industriais (EUA e URSS) independentemente do regime político. W. Sombart, citado por De Masi atenta para o fato de que independentemente da forma de governo (capitalista ou socialista), “... o que importa, é que em ambos os casos o tipo do trabalho é o mesmo; em ambos os casos a economia em seu conjunto se funda sobre o processo de *despersonalização*”.⁴

2) crescimento da classe média na sociedade e crescimento da tecno-estrutura na empresa.

3) difusão do consumo de massa e da sociedade de massa.

De Masi atenta para o fato de que a mudança na denominação das fases pelas quais a sociedade passa, ou seja, “Sociedade Rural ou Pré-Industrial” para “Sociedade Industrial”, e “Sociedade Industrial” para “Pós-Industrial”, não implica em uma substituição total dos elementos encontrados na fase anterior para a posterior. A diferente denominação indica uma mudança na sociedade, na qual um elemento toma o lugar de primazia do outro, sem que este deixe de existir.

A mudança de primazia de um setor econômico para outro implica, primeiro, em uma redução drástica no número das pessoas que nele trabalham, mesmo que haja crescimento produtivo neste mesmo setor. Por exemplo, apesar da diminuição do número

⁴ Citado em: Domenico DE MASI, A Sociedade Pós-Industrial, p. 18.

de pessoas que trabalham na área rural, há um aumento na produtividade, devido ao emprego da tecnologia na área em questão.

Deste modo, verifica-se então que a principal característica da Sociedade Pós-Industrial é, além de alterações de ordem tecnológica e de valores humanos, uma mudança, sobretudo de setor econômico - a transição do predomínio do setor secundário (Indústria) para o setor terciário (Serviços).

A SOCIEDADE PÓS-INDUSTRIAL

De acordo com Bell:

... o conceito de sociedade pós-industrial diz respeito essencialmente às mudanças na estrutura social, às transformações que se produzem na vida econômica e na estrutura profissional, e por fim às novas relações que se estabelecem entre a teoria e a prática experimental, entre a ciência e a tecnologia.⁵

De Masi cita cinco aspectos que definem a sociedade Pós-Industrial:

- 1) a passagem da produção de bens para a economia de serviços;
- 2) a preeminência da classe dos profissionais e dos técnicos;
- 3) o caráter central do saber teórico, gerador da inovação e das idéias diretivas nas quais a coletividade se inspira;
- 4) a gestão do desenvolvimento técnico e o controle normativo da tecnologia,
- 5) a criação de uma nova tecnologia intelectual.⁶

Verifica-se que o conhecimento e a “nova tecnologia intelectual” adquirem papel central nesta nova sociedade, tendo como características a pluralidade, a criatividade e a inovação humanas. O processamento e gerenciamento das informações modificaram as

⁵ Domenico DE MASI, A Sociedade Pós-Industrial, p. 33.

⁶ Ibid., p. 33.

ciências, permitindo diferentes soluções para o mesmo problema, incluindo também a transnacionalização como mais um fator nesta nova sociedade.

Sobre transnacionalização, a socióloga húngara Z. Hegedus, citada por De Masi, elaborou um esquema em quatro fases, para facilitar-nos a compreensão: a primeira fase diz respeito à produção de idéias, que são concebidas em locais de estudo e pesquisa, em laboratórios espalhados por diversos países, que dão origem a um “saber transnacional”. No entanto o poder de decisão sobre o uso destas idéias não pertence a estas comunidades científicas.

Na segunda fase, são escolhidas as idéias produzidas pelos cientistas, as quais serão implementadas pelos dirigentes ou modernizadores que detêm o poder de decisão; estes por sua vez, dependem dos detentores do saber.

A terceira fase trata da produção dos bens idealizados e escolhidos nas fases 1 e 2, os quais podem ser produzidos em locais totalmente diferentes daqueles das primeiras fases.

A quarta fase diz respeito aos mercados de consumo destes bens, serviços e informações.

... Delineia-se assim uma nova divisão internacional do trabalho, segundo a qual algumas áreas mantêm o monopólio da pesquisa científica e do poder político, outras produzem, outras ainda limitam-se a consumir...⁷

Estes estudos, sobre as novas sociedades do período Pós Segunda Guerra Mundial, que rompem com o paradigma da "modernidade", são definidos como “Pós-Industriais”, no âmbito da economia, e “Pós-Modernos”, no âmbito filosófico e cultural.

Economicamente, como já vimos, as sociedades são marcadas pela predominância do setor terciário, pelo surgimento de novas tecnologias e pela mudança conjuntural do poder, que nesta nova sociedade se dá, sobretudo, pelo controle do conhecimento e pelo processamento das informações.

⁷ Citado em: Domenico DE MASI, A Sociedade Pós-Industrial, p. 71.

Esta nova sociedade é dita pós-moderna pela pluralidade que comporta em informações, pelas diferentes possibilidades de pensamentos, por uma forma multifacetada de “visão” e “entendimento” dos diferentes discursos e até pela “não aceitação” de modelos totalizantes de explicação.

O TEMPO LIVRE

Todas as análises históricas, lidas até o presente momento, são úteis para nos fazer entender em quais momentos verificam-se as mudanças conceituais nas sociedades contemporâneas.

Sendo assim, a partir de uma leitura da sociologia, abre-se um esclarecimento sobre a importância do lazer e do uso que se faz do tempo livre na sociedade pós-industrial.

O tempo livre como o entendemos hoje surgiu com a transformação das sociedades industriais, principalmente o advento do consumo de massas – que requer tempo livre para consumo, conforme nos retratou Jean Baudrillard no seu livro “A Sociedade de Consumo”⁸ – e com as conquistas trabalhistas. Conforme nos mostra Renato Requixa, em 1860, na França, a média semanal de trabalho era de oitenta e cinco horas. Cem anos depois, em 1960, chega-se a quarenta e oito horas.⁹

O tempo livre pressupõe o tempo de trabalho, pois está vinculado a ele. Os valores do trabalho foram moldados pela ética protestante, os quais exaltaram a produtividade e transformaram a noção de tempo que se torna mercadoria e dinheiro. Desta forma, nas palavras de Heloisa Turini Bruhns, “... a noção do tempo como mercadoria, implica na sua negociação sob diversas formas e, como tal, o tempo de trabalho é vendido aos empregadores, como o tempo denominado livre, comprado pelos empregados...”¹⁰.

Bruhns prossegue, mostrando-nos que devido a este conceito revela-se um paradoxo: o “tempo livre” está igualmente “cronometrado”. Devido a esta “cronometração”

⁸ Jean BAUDRILLARD, A Sociedade de Consumo, p. 167-8.

⁹ Renato REQUIXA, Cadernos de Lazer - Documento 1, p. 12.

¹⁰ Heloisa Turini BRUHNS, in: Textos Didáticos - Turismo e Meio Ambiente - Volume II, p. 13.

do tempo de trabalho, o denominado tempo livre deve também ser produtivo, o que acaba sendo incorporado por nós.

Este conceito tão arraigado em nós - o tempo como mercadoria, como dinheiro - talvez seja o que impossibilite outras perspectivas sobre o seu uso, como disponibilizá-lo às funções ou valores que contém o lazer.

Domenico De Masi, sociólogo do trabalho, também discute sobre a questão do tempo livre, propondo mudanças nos ambientes profissionais e na utilização do tempo, com base em estudos desenvolvidos sobre a atual sociedade, nas questões mundiais sobre desemprego, educação, criatividade, entre outras.

Esta conceituação de tempo livre vinculado ao tempo do trabalho é aceita por outros autores, os quais afirmam que este tempo só pode ser denominado livre por pressupor a obrigação profissional. Nelson Carvalho Marcellino, por exemplo, faz uma distinção entre este tempo, liberado do trabalho e o tempo do desempregado, que ele denomina "tempo desocupado", resultado da incapacidade do sistema econômico em gerar trabalho. Conforme o autor:

... A consideração do aspecto tempo na caracterização do lazer tem provocado uma série de mal-entendidos. Um deles diz respeito ao conceito "livre" adicionado a esse tempo. Considerado do ponto de vista histórico, tempo algum pode ser entendido como livre de coações ou normas de conduta social. Talvez, fosse mais correto falar em tempo disponível. Mesmo assim permanece a questão da consideração do lazer, como esfera permitida e controlada da vida social, o que provocaria a morte do lúdico, e a ocorrência do lazer marcada pelas mesmas características alienantes verificadas em outras áreas de atividade humana.¹¹

Marcellino ainda entende o lazer como “a cultura compreendida em seu sentido mais amplo, vivenciada no tempo disponível. (...) A disponibilidade de tempo significa possibilidade de opção pela atividade ou pelo ócio”.¹²

Como podemos notar, denominarmos o tempo como “livre” não o desvincula inteiramente dos aspectos coercitivos da sociedade.

¹¹ Nelson C. MARCELLINO, Estudos do Lazer – uma introdução, p. 8-9.

¹² IDEM, Lazer & Empresa: Múltiplos Olhares, p. 17.

O TRABALHO E O LAZER

A cigarra e a formiga.

A cigarra, tendo cantado todo o estio, achou-se muito desprovida quando entrou o inverno: nem um pedacinho de mosca ou de vermezinho. Ella foi chorar fome em casa da formiga, sua vizinha, pedindo-lhe que lhe emprestasse algum grão para subsistir até a nova estação. “Eu vos pagarei, disse ella, antes de agosto, palavra de animal, juro e principal”. A formiga não é prestimosa: é esse o seu pequeno defeito. – Que fazíeis no tempo do calor? Disse ella a esta pedinchona.

– Eu cantava noite e dia a quantos appreciam; não fiqueiis zangada por isso. – Cantáveis! Folgo muito com isso. Pois bem, dansae agora.

“La Fontaine” (1926).

Na sociedade denominada “Pré-Industrial”, o trabalho era delimitado pelo clima e pelas estações do ano. As pausas para repouso, cantos, jogos, cerimônias não podem ser chamadas de lazer. Esta colocação é feita, pois, neste momento histórico, estas festas e cerimônias estavam vinculadas ao culto e não ao lazer.

... Em todas as sociedades do período arcaico, o trabalho e o jogo estão integrados nas festas, através das quais o homem participa do mundo de seus ancestrais. Essas duas atividades, ainda que distintas, por seus fins práticos, têm significados da mesma natureza, na vida essencial da comunidade. A festa engloba o trabalho e o jogo. Frequentemente, trabalho e jogo se misturam e uma oposição é irrelevante e até inexistente. O lazer é um conceito que não se coaduna com o período arcaico, e nem com o período pré-industrial.¹³

Mesmo Renato Requixa, que acredita que o lazer está presente desde os tempos medievais, observa:

¹³ Joffre DUMAZEDIER, Planejamento de Lazer no Brasil – Valores e Conteúdos Culturais do Lazer, p. 48.

... Mas o que importa notar, no caso é que a inexistência do vocábulo ‘trabalho’, entre os povos primitivos, significa principalmente que não havia uma clara distinção entre a vida e o trabalho, entre o tempo de viver e o tempo de trabalhar. Trabalhar era ao mesmo tempo existir, como existir era ao mesmo tempo se recrear. Tudo englobava a existência humana, sem que se distinguíssem os tempos em partes especiais...¹⁴

O lazer é o uso que se faz do tempo liberado principalmente das obrigações do trabalho, liberação esta conquistada pelos movimentos sindicais e trabalhistas das “Sociedades Industriais”.

A visão histórica sobre o lazer, na análise de Dumazedier, é a de que ele nasceu com a Revolução Industrial. Para ele, "... desde o nascimento da sociedade industrial, os pensadores sociais do século XIX previram a importância do lazer, ou antes, do *Tempo Liberado* pela redução do trabalho industrial...".¹⁵

Mas também para ele a dinâmica que produz o lazer não se reduz ao fator econômico, ou seja, a diminuição do tempo de trabalho não é o único determinante para o desenvolvimento do lazer, é preciso também a "... valorização social da expressão do eu através do lazer...".¹⁶

Para o autor, o lazer tem dois pré-requisitos para poder existir: o primeiro é que as atividades sociais não sejam regidas ou reguladas pelas obrigações rituais - essas atividades devem ser de livre escolha do indivíduo; a outra condição é de que o trabalho profissional esteja desligado de outras atividades, não sendo mais regido pela natureza e que tenha organização específica (esse aspecto observa-se na forma de organização da sociedade industrial).

Outro aspecto que Dumazedier analisa, quando se refere aos vários autores que tratam do lazer e do trabalho, é que o desenvolvimento do lazer está vinculado a uma mudança de conceitos e formas de atuação dos trabalhadores na sociedade: "... todos

¹⁴ Renato REQUIXA, Cadernos de Lazer - Documento 1, p. 9.

¹⁵ Joffre DUMAZEDIER, Sociologia Empírica do Lazer, p. 19-20.

¹⁶ Ibid., p. 85.

associaram o desenvolvimento do lazer ao progresso da cultura intelectual dos trabalhadores e ao aumento de sua participação nos negócios da cidade...".¹⁷

Segundo esta visão, o progresso tecnológico vincula-se ao desenvolvimento do lazer.

A definição dada por Dumazedier ao lazer deve-se a algumas análises, feitas por ele com base em pesquisas realizadas de 1920 a 1970 por vários sociólogos na Europa e Estados Unidos. As pesquisas demonstraram o aumento do tempo livre e a nova relação que os indivíduos tinham com este tempo e com outras atividades humanas, como as obrigações profissionais, sócio-espirituais, familiares, sócio-políticas, etc.

Para ele:

... O lazer é um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais...¹⁸

Levando-se em conta a análise histórica e os estudos mais recentes sobre o lazer, acredito que a visão de Dumazedier acerca do lazer é bastante apropriada. Ele percebe que a origem do lazer historicamente se dá com o advento da sociedade industrial.

Após 1945, período pós-Segunda Guerra, com o advento da chamada sociedade Pós-Industrial e todas as transformações que nela se verificam, principalmente quanto ao aumento das informações e difusão dos meios de comunicação, difunde-se a idéia de uma melhoria de condição de vida e uma reivindicação de bem-estar geral para os indivíduos, grupos, comunidades e povos.

¹⁷ Ibid., p. 20.

¹⁸ Joffre DUMAZEDIER, Lazer e Cultura Popular, p. 34.

Em meados dos anos 1960, com as contestações sobre a crise da energia e com os problemas ocasionados pela poluição, fortalecem-se os conceitos do movimento ecológico. Essa conscientização universal inicia uma modificação no comportamento da sociedade.

Ocorre então uma mudança no pensamento humano, que passa a discutir a expressão “crescimento econômico”, outrora entendido meramente como expansão das atividades econômicas com aumento na produção de bens e serviços. Passa-se a reivindicar que este conceito de crescimento seja substituído pelo conceito de “desenvolvimento econômico”, que agora engloba não só questões que digam respeito à produção de bens e serviços, mas também referentes à vida econômica, social e política das “Sociedades Pós-Industriais”. Este novo conceito é mais abrangente e recentemente agregou o aspecto cultural, juntamente com a noção de “qualidade de vida”.¹⁹

Já Jean Baudrillard entende estas mudanças ocorridas na sociedade com uma visão funcionalista e bem menos otimista. Para ele a multiplicação dos objetos, dos serviços e dos bens materiais ocasionados por uma imensidão de necessidades impostas pelo consumo, acarretou uma “mutação na ecologia da espécie humana”,²⁰ na qual as relações pessoais são substituídas pela relação com esses objetos de consumo, o que nos torna também funcionais, como eles:

... Vivemos o tempo dos objectos: quero dizer que existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente. Actualmente, somos nós que os vemos nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em todas as civilizações anteriores eram os objectos, instrumentos ou monumentos perenes, que sobreviviam às gerações humanas.²¹

Para o autor, este progresso da abundância oferece em contrapartida “prejuízos”, numa ampla gama de problemas gerados por este “crescimento pelo crescimento”.²²

¹⁹ Joffre DUMAZEDIER, Planejamento de Lazer no Brasil – Valores e Conteúdos Culturais do Lazer, p. 56.

²⁰ Jean BAUDRILLARD, A Sociedade de Consumo, p. 15.

²¹ Ibid., p. 15-6.

²² Ibid., p. 34.

... A pressão psicológica e social da mobilidade, do estatuto, da concorrência a todos os níveis (rendimento, prestígio, cultura, etc.) torna-se cada vez mais pesada para todos. Necessita-se de mais tempo para se recriar e reciclar, para recuperar e compensar o desgaste psicológico e nervoso causado por múltiplos danos: trajecto domicílio/trabalho, superpopulação, agressões e 'stress' contínuos. Em última análise, o preço mais elevado da sociedade de consumo é o sentimento de insegurança generalizada que ela engendra...²³

Esses “prejuízos” são econômicos, ecológicos, sociais e culturais. Levam a uma nova necessidade – o lazer – agora como forma de se recuperar dos prejuízos causados pela “sociedade de consumo”. Essa mudança de conceito humano leva ao que Dumazedier chama de “estilo de vida do lazer”, o que ele diferencia do chamado “nível de vida”.²⁴

O nível de vida está ligado a um sistema de produção, a obtenção de riquezas, que hierarquiza os grupos - refere-se ao consumo de bens. Já o estilo de vida, se refere às formas e maneiras de usar estes bens de consumo. Dumazedier afirma que, hoje o conceito de estilo de vida se opõe ao de nível de vida.

O autor, atenta para o novo “estilo de vida do lazer”. Segundo ele:

... Hoje, supõe uma maneira de viver não somente o dinheiro, mas também o espaço e o tempo. Significa, de fato, antes de mais nada, estilo de lazer, pois é no tempo de lazer que nascem os novos modelos de vida, chamados “estilos de vida”- um gosto mais intenso pela natureza, através não só do camping mas de todas as atividades das férias, um novo estilo de vida corporal, com o gosto pelo bom desempenho, nascido do esporte. A seguir, esses novos modelos de vida de lazer fazem pressão sobre os outros modos de vida - do trabalho, da família, da religião, da vida na comunidade - e tentam mudá-los, no sentido de uma melhoria qualitativa. Essa aspiração à qualidade de vida significa que o objetivo do estilo de vida do lazer não se limita apenas ao aumento do nível de vida, em vista de melhores padrões, mas melhorá-la em função das aspirações da pessoa; em outras palavras, reorganizar o trabalho de maneira que seja menos árduo, que mais se adapte às necessidades individuais, liberando mais tempo livre...²⁵

O objetivo do estilo de vida do lazer traz então, uma busca por padrões de melhoria pessoal, conforme a aspiração individual, a qual permite um aumento na qualidade de vida.

²³ Ibid., p. 35.

²⁴ Joffre DUMAZEDIER, Planejamento de Lazer no Brasil – Valores e Conteúdos Culturais do Lazer, p. 56.

²⁵ Ibid., p. 58-9.

... É sempre a pessoa o centro de gravitação, o centro para o qual converge toda a contestação do estilo de vida de hoje. O indivíduo pode então exigir da sociedade o direito de expressar-se melhor: um direito para o corpo de expressar o seu corpo; um direito para a imaginação de expressar a sua imaginação, um direito para as mãos de se expressarem pelas mãos, pelos trabalhos (sic!) manuais de artesanato, entre um aglomerado utilitário de objetos fabricados pela indústria. É a reivindicação da pessoa de expressar livremente a sua afeição (sic!), sua sociabilidade, recusando-se a canalizá-las inteiramente e exclusivamente no papel de esposo, pai, trabalhador, de vizinho, etc.²⁶

Renato Reuixia fala-nos que este desenvolvimento da sociedade industrial aliado ao progresso tecnológico são os fatores que estimularam a temática do lazer no século XX. Este progresso tecnológico, segundo o autor, "... permitiu também a diversificação na utilização do tempo livre, pois se agilizaram as formas de comunicação pelo acelerado e continuado incremento dos meios de informação e dos meios de locomoção".²⁷

Isto explica a amplitude de possibilidades em práticas de atividades de lazer, as quais, um número considerável de pessoas tem acesso hoje.

AINDA SOBRE O LAZER

Nelson Carvalho Marcellino considera o lazer para além da recuperação da força de trabalho e aponta que existem dois aspectos fundamentais para o entendimento do lazer: tempo e atitude²⁸.

No aspecto atitude, o lazer fica dependente da relação exclusiva da pessoa com ele; sendo assim, qualquer atividade pode ser encarada como lazer, dependendo da satisfação que esta proporcione.

²⁶ Joffre DUMAZEDIER, Planejamento de Lazer no Brasil – Valores e Conteúdos Culturais do Lazer, p. 59.

²⁷ Renato REQUIXA, Cadernos de Lazer – Documento 1, p. 13.

²⁸ Nelson Carvalho MARCELLINO, Estudos do Lazer – uma Introdução, p. 7-12.

No aspecto tempo, várias são as questões que surgem quando o lazer o leva em conta. Por exemplo, saber qual é este tempo, que características possui, quais as condições favoráveis ao tempo de lazer, entre outras.

Para o autor, a tendência entre os estudiosos do lazer é considerar os dois aspectos em conjunto, não isoladamente, para, a partir daí, analisar-se os valores e conteúdos do lazer.

O descanso e o divertimento são os valores mais associados ao lazer, porém, outras possibilidades se abrem com ele,

... Trata-se do desenvolvimento pessoal e social que o lazer enseja. No teatro, no turismo, na festa etc., estão presentes oportunidades privilegiadas, porque espontâneas, de tomada de contato, percepção e reflexão sobre as pessoas e as realidades nas quais estão inseridas. Deve-se levar em conta ainda, que se o conteúdo das atividades de lazer pode ser altamente "educativo", também a forma como são desenvolvidas abre possibilidades "pedagógicas" muito grandes, uma vez que o componente lúdico, do jogo, do brincar, do "faz-de-conta", que permeia o lazer é uma espécie de denúncia da "realidade", deixando clara a contradição entre obrigação e prazer.²⁹

Marcellino não pretende, com esta colocação, negar os valores do descanso, divertimento ou da recuperação da força do trabalho que o lazer enseja, mas sim salientar que dentro da esfera de conteúdos dos valores do lazer existem outras possibilidades como a de desenvolvimento pessoal através da vivência do lazer.³⁰

Para que as atividades de lazer possam atender as pessoas integralmente é necessário que:

... essas mesmas pessoas conheçam os conteúdos que satisfaçam os vários interesses, sejam estimuladas a participar e recebam um mínimo de orientação que lhes permita a opção. Em outras palavras, a escolha, a opção está diretamente ligada ao conhecimento das alternativas que o lazer oferece. Por esse motivo é importante a distinção das áreas abrangidas pelos conteúdos do lazer.

A classificação mais aceita é a que distingue seis áreas fundamentais: os interesses artísticos, os intelectuais, os físicos, os manuais, os turísticos e os sociais.³¹

²⁹ Nelson Carvalho MARCELLINO, Estudos do Lazer – uma introdução, p. 14.

³⁰ IDEM, Lazer & Empresa: Múltiplos Olhares, p. 17.

³¹ IDEM, Estudos do Lazer – uma introdução, p. 17-8.

Aliás, este não é o único autor que tem dado esta relevância aos estudos do lazer. Na sociedade “pós-industrial”, não são poucos os estudiosos, instituições e setores sociais que têm despertado sobre a importância da área. Surgem organizações não governamentais como a WLRA – Associação Mundial de Lazer e Recreação, que têm como objetivo “... promover condições ideais de lazer para o desenvolvimento humano e bem-estar social...”³². A própria Constituição Brasileira garante o lazer como um direito do cidadão e, ainda, os muitos movimentos sociais e ações particulares ao menos almejam “fazer valer” este direito.

O LAZER NA EMPRESA

Marcellino ressalta, como ponto fundamental, que o lazer na empresa “... não seja entendido como mero assimilador de tensões, simples colaborador no equilíbrio entre capital e trabalho, ou somente como elemento de *marketing* institucional da empresa entre os funcionários e a sociedade em geral”.³³

Para ele, analisar a relação entre empresa e lazer apenas como forma de inculcar no trabalhador “valores da empresa”, ou mesmo para ampliar a jornada de trabalho, é uma forma “simplista” de entender as possibilidades desta relação.

Marcellino também remete-nos à consideração sobre a lembrança do lazer vinculado apenas às festas para funcionários, afirmando que hoje as próprias empresas têm uma necessidade de “... pessoas que sejam críticas e criativas...” frente às exigências da sociedade atual e afirma que, “... deste prisma, o lazer não pode continuar sendo o primeiro da lista do corte de ‘benefícios’, quando se estabelecem as ‘crises’”.³⁴

³² Mensagem do Secretário Geral da WLRA, Lazer numa sociedade globalizada, p. 9.

³³ Nelson Carvalho MARCELLINO, Lazer & Empresa: Múltiplos Olhares, p. 17.

³⁴ Ibid., p. 14-5.

Sendo assim, o autor enfatiza que julga ser “básica a formação de grupos de interesse” em direção ao lazer (Grêmios, Clubes, Associações Desportivas Classistas), porém atenta para que estes grupos entendam os valores do lazer para além do descanso e do divertimento, incluindo os valores de desenvolvimento pessoal e social; atenta também para que estes grupos exercitem a participação democrática das pessoas, que incluam o esporte como perspectiva de lazer, mas que não se restrinjam a ele.

Claudia Ramalho, outra autora que estuda o lazer na empresa, aborda questões relativas ao acelerado avanço tecnológico e as consequências sociais que ocasionam. Baseada em Rifkins, afirma que a força de “uma produção enxuta” cria “um cinturão de excluídos”.³⁵

Para este autor, esta “convulsão social poderá ser evitada se o mundo adotar uma jornada semanal de 30 horas e deslocar uma parcela significativa da força de trabalho para os serviços sociais e comunitários a serem custeados com recursos do Estado”.³⁶

Porém, Claudia Ramalho tem consciência de que, no Brasil, o Estado não possui condições de suprir estas necessidades, por isto, aponta que esta redução da jornada de trabalho possibilita que o tempo livre do trabalhador possa ser constituído em tempo para a educação permanente e para o voluntariado.

Partindo desta ótica, então, Ramalho faz uma reflexão sobre o lazer na empresa “como uma possível via de responsabilidade ético-social”.³⁷ Para ela, o lazer é uma via que possibilita tratar das relações interpessoais oferecendo meios para o crescimento pessoal e social das pessoas.

Trazendo estes questionamentos para uma enquete recente, quero abordar o resultado do trabalho de nove jornalistas da revista Você S.A., que fizeram entrevistas com funcionários de 121 empresas brasileiras que haviam sido pré-classificadas para entrar no “GUIA EXAME – As 100 melhores empresas para você trabalhar”.

³⁵ Claudia Martins RAMALHO, in: Lazer & Empresa: Múltiplos Olhares, p. 67.

³⁶ Ibid., p. 67.

³⁷ Ibid., p. 70.

Conforme a colocação dos jornalistas sobre o assunto, “... o que as 100 empresas presentes neste Guia mostram é que a estratégia do negócio não pode estar dissociada da estratégia das pessoas...”³⁸

Eles ainda apontam que:

“... empresas deste Guia não tratam bem seus funcionários por benemerência. Elas o fazem por uma razão pragmática: dá retorno financeiro. A rentabilidade média das Melhores Empresas para Trabalhar no Brasil foi superior nos últimos cinco anos à das *500 Melhores e Maiores* listadas no anuário também publicado por EXAME. Com base nos dados de 2000 da Fundação Instituto de Pesquisas Contábeis Atuariais e Financeiras, da USP, as 50 Maiores tiveram rentabilidade média de 7,3%. Nas 100 melhores, o índice foi de 9,0%. Mesmo em anos difíceis, como em 1999, as empresas que tratam bem seus funcionários se saíram melhor. Naquele ano, a rentabilidade do patrimônio líquido das 500 caiu 2,7%. As melhores ganharam 1%.”³⁹

Ainda analisando os dados, pode-se perceber claramente que o lazer aparece com destaque, entre as ações da empresa citadas pelos seus funcionários como pontos importantes para que fossem consideradas “melhores empresas para se trabalhar”.

O lazer figura como parte da estratégia do departamento de Recursos Humanos em praticamente todas as empresas, ao lado de outras iniciativas importantes, como incentivo da participação voluntária, programas de aprimoramento profissional e comunicação interna, por exemplo.

O lazer foi então, um dos itens analisados nesta classificação. O item “Camaradagem no ambiente de trabalho (...) O hábito de se reunir fora do expediente leva a crer que o ambiente de trabalho é tão agradável que as pessoas procuram prolongar essa sensação o máximo possível. Além disso, quando o ambiente é bom, a politicagem não tem vez”.⁴⁰

³⁸ GUIA EXAME, As 100 melhores empresas para você trabalhar, p. 17.

³⁹ Ibid., p. 17.

⁴⁰ Ibid., p. 29.

Além de churrascos e festas, são citados como pontos importantes a serem considerados: grêmios, clubes, encontros de integração entre funcionários, viagens que podem ou não incluir a família, acampamentos de férias para filhos de funcionários, programas de “bem-estar” (atividades esportivas, culturais), praças de leitura no interior das fábricas com caixa de correio, TV a cabo, telefones, colônia de férias, bibliotecas, videotecas, happy hour, ingressos gratuitos a museus, entre outros.

Quanto ao aumento do tempo livre, algumas empresas já abrem a possibilidade de estender a jornada de trabalho de 2ª a 5ª feiras para que o funcionário possa “folgar” na 6ª feira, ou mesmo já adotaram horários flexíveis.

É interessante notar que o item salário não é citado nesta pesquisa como o mais importante. Como José Tolovi Jr. trata em sua matéria, “... salário e benefícios são fatores higiênicos – e não motivadores”. De acordo com ele “... o que distingue as melhores é a atitude...”.⁴¹

Entendo desta forma, que, na chamada “Sociedade Pós-Industrial” a empresa exerça um papel bastante importante nas ações de incentivo ao lazer, seja de seus funcionários ou mesmo da comunidade, pois há um anseio por parte das pessoas neste sentido e uma nova postura na utilização do tempo.

Johanne E. Hald Madsen faz uma interessante abordagem sobre as possibilidades que a atuação da empresa em atividades ligadas ao lazer emprestam ao nome da empresa. Ele divide seu texto em duas partes. Inicialmente aborda a situação do lazer na sociedade atual e aponta a falta de acesso e de equipamentos de lazer para a população em geral, sobretudo a população de baixa renda.

Logo após ele discorre sobre as possibilidades e oportunidades que são criadas a partir de uma atuação das empresas interessadas no lazer: “Atualmente, tendo em vista a visão moderna de desenvolvimento organizacional nas empresas, cresce a preocupação com o trabalhador/cidadão, e o lazer vem sendo repensado e identificado como veículo privilegiado para a melhora da qualidade de vida”.⁴²

⁴¹ GUIA EXAME, As 100 melhores empresas para você trabalhar, p. 26-7.

⁴² Johanne E. Hald MADSEN, in: Lazer & Empresa: Múltiplos Olhares, p. 100.

Baseado nisto, aponta vários “benefícios” possibilitados ao trabalhador através do lazer, como: formação de atitude crítica, criatividade, participação, formação de lideranças diferenciadas dos modelos hierárquicos, valorização pessoal, melhora da auto-estima e melhora nas relações profissionais no ambiente de trabalho.

Aponta ainda outras conseqüências positivas oferecidas pelo lazer: melhora da qualidade da produção, otimização do tempo e de recursos, aumento da confiabilidade na empresa, prazer pelo trabalho, diminuição dos índices de acidentes e absenteísmo.

O autor cita também como bom exemplo de atividade, o lazer turístico oferecido para funcionários de empresas, que:

... possibilitam o envolvimento das famílias e o fortalecimento de laços estabelecidos no âmbito do trabalho. Durante uma excursão, um passeio para conhecer uma nova localidade, descobrir detalhes de sua própria cidade ou realizar um roteiro turístico, inúmeras atividades educativas podem ser oferecidas, contribuindo para o enriquecimento pessoal de cada participante.⁴³

Cita ainda que:

Além das informações turísticas, tais como dados sobre a história e a geografia local, monumentos naturais, edificações e curiosidades existentes, há possibilidade e execução de atividades vivenciadas que contemplam os interesses culturais do lazer, apresentando outros temas transversais fundamentais na educação, ligados ao desenvolvimento humano e à qualidade de vida, como a cidadania, a ética, a consciência ecológica coletiva, o tratamento do lixo, os cuidados com a água e com a natureza, os direitos humanos, dentre outros.⁴⁴

⁴³ Johanne E. Hald MADSEN, in: Lazer & Empresa: Múltiplos Olhares, p. 102.

⁴⁴ Ibid., p. 102-3.

Sendo assim, o autor afirma que o lazer também pode ser um veículo de marketing para a empresa e apesar de ainda ser recente no país uma mudança que deixe de lado o paternalismo governamental em ações culturais, têm sido registradas tentativas, em âmbito federal, estadual e municipal, como as “leis de incentivo à cultura”, que beneficiam empresas privadas para uma atuação efetiva em projetos neste sentido, resultando em ações que passam a ser instrumentos de marketing para a empresa envolvida. Estas ações podem vincular o nome da empresa a atividades culturais, preservação do meio ambiente, atividades esportivas, preservação patrimonial histórica, entre outras.

Julgo interessante buscar o entendimento sobre os efeitos da aplicação da denominada Lei de Incentivo à Cultura – “Lei Rouanet” – para o desenvolvimento de ações que incrementem a cultura em suas várias formas.

José Álvaro Moisés, em seu artigo publicado na internet⁴⁵, analisa os aspectos “positivos” que a “Lei Rouanet” traz para o incremento do setor cultural no Brasil.

Ele tece comparações sobre o desenvolvimento do setor cultural nos EUA e o desenvolvimento deste setor no Brasil, demonstrando que a tradição nestas leis de incentivo permitiu que os EUA tivessem um avanço nesta área. Conforme relata:

... Haja vista que, em 1995, por exemplo, as doações filantrópicas feitas por corporações, fundações e indivíduos, nos Estados Unidos, alcançaram a cifra astronômica de 150 bilhões de dólares, dos quais 7%, isto é, 10,5 bilhões foram destinados às artes e humanidades. Mais surpreendente, no entanto, é o fato de que, desse total, 79,6% foi de doações feitas por indivíduos.⁴⁶

Isto demonstra que existe, podemos dizer, uma “maturidade” ou mesmo uma “conscientização” desta sociedade, pois há de se imaginar o que representa estes 79,6% de doações: este é um número bastante considerável para investimentos realizados por pessoas físicas, em cultura.

⁴⁵ José Álvaro MOISÉS, Os efeitos das leis de incentivo, www.centraldecultura.hpg.ig.com.br, consultado em: Outubro de 2001.

⁴⁶ Ibid, www.centraldecultura.hpg.ig.com.br, consultado em: Outubro de 2001.

Este autor abre-nos uma perspectiva sobre o quanto estas ações devem crescer no Brasil, pois, a partir de 1995 após as reformas da “Lei Rouanet”, houve importantes resultados na aplicação da lei, segundo Moisés:

... Essas reformas foram fundamentais para atrair mais e novas empresas para o sistema de mecenato privado. Enquanto em 1994 elas não eram mais do que 72, em sua maioria bancos e empresas multinacionais, em 1995 elas somaram 235, pulando para 640 em 1996, e chegando a 1.125 em 1997. Nas novas condições da lei, a lista passou a incluir, também, pequenas e médias empresas, que não se limitavam estritamente ao Sudeste que, desde a implantação do mecanismo e traduzindo as enormes desigualdades da estrutura econômica, regional e social brasileira em seu funcionamento, tem sido a região mais privilegiada na captação de recursos privados para a cultura. Por outro lado, as iniciativas do governo para criar um mecenato privado mais vigoroso não se limitaram às empresas privadas, mas atraíram decisivamente as empresas públicas também.⁴⁷

Estas mudanças levam a crer que há uma forte tendência ao incremento do setor cultural no Brasil, o que já vem sendo demonstrado por números:

Enquanto em 1994 a Lei Rouanet mobilizou pouco mais de 14 milhões de reais em apoio às artes - somando os recursos de renúncia fiscal aos de contrapartida das empresas -, em 1995 esse valor chegou a quase 60 milhões, ultrapassando em 1996 a casa dos 116 milhões, e alcançando em 1997 a cifra recorde de 199 milhões de reais. Isso não tem nada de irrelevante, ainda que seja insuficiente para satisfazer as necessidades da cultura brasileira, se se considerar que, no início dos anos 90, a política de incentivos fiscais não era efetiva e que, em consequência das tentativas de desobrigar o Estado de suas responsabilidades com a área, os recursos públicos alocados para o setor, em 1991, não ultrapassaram 131 milhões de reais.⁴⁸

Estes investimentos em cultura beneficiam e incrementam o setor, aumentando o leque de possibilidades de lazer.

⁴⁷ José Álvaro MOISÉS, Os efeitos das leis de incentivo, www.centraldecultura.hpg.ig.com.br, consultado em: Outubro de 2001.

⁴⁸ Ibid., www.centraldecultura.hpg.ig.com.br, consultado em: Outubro de 2001.

O PROFISSIONAL EM TURISMO E O LAZER

Para que o profissional em Turismo possa tecer uma análise do seu mercado de atuação, cabe perfeitamente esta conceituação teórica sociológica, tanto da sociologia do trabalho quanto da sociologia do lazer. Vários são os estudiosos no campo do Turismo que ressaltam a importância da pesquisa científica com enfoques em outras áreas do conhecimento humano.

Luiz Gonzaga Godoi Trigo, em seu livro: “A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo”, nos fala sobre o quanto é importante aprofundarmos nossa compreensão da atual conjuntura mundial, pois desta forma podemos entender porque o setor de serviços está crescendo no mundo inteiro. O turismo está inserido neste setor, assim como o comércio, transportes, saúde, educação, publicidade e propaganda, comunicações, artes, cultura, entre outras áreas. Desta maneira a formação do Bacharel em Turismo, engloba hoje, muito mais do que simplesmente o conhecimento sobre meios de hospedagem, transporte, restauração e eventos. Estende-se, assim, a gama de áreas de estudos, envolvendo a psicologia, administração, marketing, história, geografia, sociologia, filosofia, entre outras.

Aliás, “Turismo” é uma especialidade que abarca estes vários conhecimentos e a compreensão sobre a importância do Lazer, para o Bacharel em Turismo, é de grande importância, por ser o turismo uma das possibilidades dentro deste universo maior, ou seja, o Turismo está inserido no Lazer, conforme nos mostra Trigo:

... Mas o turismo deixou de ser um campo isolado no setor de serviços das sociedades pós-industriais. Participando do campo maior do lazer, o turismo interliga-se com a imensa variedade de opções destinadas ao tempo livre e aos aspectos culturais, educacionais, da mídia e dos esportes...⁴⁹

⁴⁹ Luiz Gonzaga Godoi TRIGO, A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo, p. 18.

Apesar desta constatação, o que se verifica através deste estudo teórico e mesmo quanto à realidade de atuação dos profissionais ligados ao lazer, é que, hoje não se pensa no profissional formado em Turismo como sujeito atuante nas áreas relacionadas ao lazer, pelo menos no que diz respeito às empresas. Atualmente os profissionais que tratam e estudam o assunto são geralmente ligados aos cursos de Educação Física, ou mesmo outros cursos.

É possível compreender que as áreas de estudo que vêm se desenvolvendo há mais tempo, como administração de empresas, psicologia, educação física ou outras especialidades, tenham ocupado postos de trabalho que se relacionem a objetos de estudos e campo de atuação profissional que também podem ser preenchidos por um profissional em Turismo. Ora, este acelerado aumento em cursos de capacitação profissional em Turismo é recente e é compreensível que o mercado de trabalho em geral desconheça a amplitude que empresta este curso ao seu profissional, seja em eventos, entretenimento, meio ambiente, conhecimento local e global, além dos outros comumente conhecidos.

Deve-se então pensar, que cabe inteiramente a nós, futuros profissionais em Turismo, discutirmos este atual quadro para podermos propor modificações, estendendo nossa área de atuação e demonstrando que a soma de conhecimentos necessários ao profissional Bacharel em Turismo é suficiente para um engajamento e novas propostas em programas de lazer para empresas.

CONCLUSÃO

Assimilar as mudanças da Sociedade Pós-Industrial não é tarefa fácil. Como dizem os estudiosos da área, não há uma verdade absoluta nas ciências humanas e hoje não há uma aceitação dos “modelos totalizantes de explicação” frente à multiplicidade de opiniões.

Porém, este estudo procurou naturalmente aceitar o conceito de que a sociedade pós-industrial tem dado uma importância crescente para o lazer. Atualmente vivenciamos todas as conseqüências degradantes que o avanço tecnológico desenfreado, causa à sociedade.

Este estudo buscou indagar sobre o lazer e questionar sobre o quanto às comunidades e os indivíduos tem despertado para sua importância, inclusive elevando as práticas de lazer à condição de agente transformador desta degradação.

Apesar dos estudiosos desta área apontarem que há uma crescente necessidade em novas opções de lazer e mesmo algumas empresas já investirem nesta diversificação de ofertas, é fato que muitas das empresas ainda estão presas aos conceitos de lazer vinculado apenas ao esporte e as festas para os funcionários.

Porém, como este estudo procurou demonstrar que há uma inter-relação entre a empresa, seus funcionários e comunidade e também, que existem mecanismos de incentivo a iniciativas ligadas à cultura, preservação de patrimônio, e promoção do lazer.

Nós, futuros Bacharéis em Turismo, devemos estar atentos às transformações sociais e as novas necessidades criadas por estas transformações. A maioria das empresas ainda não despertou para as todas as competências cabíveis ao profissional em turismo, sendo assim, esta foi a maior intenção contida neste trabalho: poder ampliar as possibilidades de lazer nas empresas através de uma atuação efetiva do profissional Bacharel em Turismo.

BIBLIOGRAFIA

- BAUDRILLARD**, Jean. A Sociedade de Consumo, Lisboa/Portugal: Edições 70, 1995. 213 p.
- DOMENICO**, De Masi (organizador). A Sociedade Pós-Industrial, São Paulo/SP: Ed. Senac São Paulo, 1999. 443 p.
- DUMAZEDIER**, Joffre. Lazer e Cultura Popular, São Paulo/SP: Ed. Perspectiva, 1976. 333 p.
- DUMAZEDIER**, Joffre. Planejamento de Lazer no Brasil - Valores e conteúdos culturais do Lazer, São Paulo/SP: Ed. Sesc, 1980. 180 p. (Biblioteca Científica - Série Lazer, 3).
- DUMAZEDIER**, Joffre. Sociologia Empírica do Lazer, (tradução S. Mazza e J. Guinsburg), São Paulo/SP: Perspectiva: Sesc, 1999. 244 p. (Debates).
- FRIEDMANN**, Georges. O trabalho em migalhas - Especialização e Lazer, São Paulo/SP: Ed. Perspectiva, 1972. 283 p.
- LUCHIARI**, Maria Tereza D. P. (organizadora). Textos Didáticos - Turismo e Meio Ambiente, Campinas/SP: IFCH/UNICAMP, Volume II, nº 31 (2), 1997. 101 p.
- MARCELLINO**, Nelson Carvalho. Lazer e Educação, Campinas/SP: Papyrus, 1987. Coleção Fazer/Lazer. 164 p.
- MARCELLINO**, Nelson Carvalho. Estudos do Lazer - uma introdução, Campinas/SP: Autores Associados, 1996. Coleção educação física e esportes. 99 p.

MARCELLINO, Nelson Carvalho (organizador). Lazer & Empresa: Múltiplos olhares, Campinas/SP: Papirus, 1999. Coleção Fazer/Lazer. 175 p.

REQUIXA, Renato. Cadernos de Lazer - Documento 1, São Paulo/SP: Ed. Sesc, 1976. 100 p.

SANTOS, Luiz Antonio dos (tradutor). Fábulas de La Fontaine, França, 1926. p. 5.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico, São Paulo/SP: Editora Cortez, 2000. 279 p.

TRIGO, Luiz G. Godoi. A Sociedade Pós-Industrial e o Profissional em Turismo, Campinas/SP: Papirus, 1998. Coleção Turismo. 248 p.

TRIGO, Luiz G. Godoi. Turismo e Qualidade: tendências contemporâneas, Campinas/SP: Papirus, 1993. Coleção Turismo.

TRIGO, L. G. G., **MACHADO**, M. G. S. Entendendo o Mundo Atual – Um roteiro de estudo. Boletim de Turismo e Administração Hoteleira, UNIBERO, v. 9, p. 89-109, 2000.

WLRA. Lazer numa sociedade globalizada: Leisure in a globalized society, São Paulo/SP: SESC/WLRA, 2000. 628 p.

GUIA EXAME 2001, As 100 melhores empresas para você trabalhar, parte integrante das revistas EXAME ed. 749 e VOCÊ s.a. ed. 39, São Paulo/SP: Ed. Abril, 2001. 170 p.

INTERNET:

MOISÉS, José Álvaro. Os efeitos das leis de incentivo,
www.centraldecultura.hpg.ig.com.br, consultado em: Outubro de 2001.